

O APEGO ESTÁ NA RELAÇÃO? REVISÃO SOBRE A SENSIBILIDADE MATERNA NO BRASIL

IS THE ATTACHMENT IN THE RELATIONSHIP? REVIEW ON MATERNAL SENSITIVITY IN BRAZIL

Jorge Luís Maia Morais¹
Pedro Henrique Alves da Silva²
Cíntia Mendonça Cavalcante³

Resumo

Esta revisão integrativa de literatura visa mapear artigos brasileiros a partir do referencial da sensibilidade materna, por meio de busca nas bases de dados do Portal CAPES, de modo mais específico, na BVS Brasil e SciELO, realizada em 2019, e atualizada no primeiro semestre de 2020, utilizando os descritores “sensibilidade materna”, “maternal sensitivity and brazil” e “sensibilidade materna and vulnerabilidade”. Os critérios de inclusão foram artigos empíricos realizados no Brasil, publicados nos últimos 10 anos (2010-2020) em português, com acesso irrestrito em texto completo. Encontrou-se 685 referências e somente 14 estudos foram analisados na íntegra por atenderem aos critérios estabelecidos nesta pesquisa. Percebe-se que alguns fatores impactam negativamente na sensibilidade materna, como a vivência em situação de vulnerabilidade socioeconômica; a saúde mental da mãe e a fragilidade da rede de suporte. Evidencia-se escassez de produções brasileiras sobre essa temática e de pesquisas interventivas com a díade mãe-bebê, demonstrando a relevância deste trabalho.

Palavras-chave: Sensibilidade materna; Desenvolvimento infantil; Saúde materna; Comportamento materno; Vulnerabilidade social.

Abstract

This integrative literature review aims to map Brazilian articles from the maternal sensitivity perspective, based on a search in the CAPES Portal databases, more specifically in BVS Brasil and SciELO, carried out in 2019, and updated in the first half of 2020, using the descriptors “maternal sensitivity”, “maternal sensitivity and brazil” and “maternal sensitivity and vulnerability”. The inclusion criteria were empirical articles carried out in Brazil, published in the last 10 years (2010-2020) in Portuguese, with unrestricted access in full text. 685 references were found and only 14 studies were analyzed in full because they met the criteria established in this research. It is noticed that some factors have a negative impact on maternal sensitivity, such as living in a situation of socioeconomic vulnerability; the mother's mental health and the fragility of her support network. There is a shortage of Brazilian productions on this theme and of interventional research with the mother-baby dyad, demonstrating the relevance of this article.

Keywords: Maternal sensitivity; Child development; Maternal health; Maternal behavior; Social vulnerability.

¹ Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Especializando em Saúde Mental pela Universidade Aberta do Brasil – Universidade Regional do Cariri, Brasil. E-mail: jorgeluismm@alu.ufc.br ORCID: 0000-0002-3025-5405

² Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará. Especializando em Saúde Mental pela Universidade Aberta do Brasil – Universidade Regional do Cariri, Brasil. E-mail: pedroalves.ufc@gmail.com ORCID: 0000-0003-2905-9623

³ Doutora em Saúde Coletiva pela Universidade Estadual do Ceará. Professora adjunta do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará, Brasil. E-mail: cinthia.cavalcante@ufc.br ORCID: 0000-0001-8127-1125 Correspondência: Universidade Federal do Ceará, Avenida da Universidade, 2762, Benfica, 60020180 - Fortaleza, CE - Brasil.

A Teoria do Apego desenvolvida por John Bowlby (Bowlby, 1982/2006; 1989) exprime que é no cotidiano do cuidado, o qual se estabelece através da relação mãe-bebê, que a vinculação da criança à sua mãe acontece, formando o comportamento de apego. Além de prover condições mínimas de sobrevivência, essa relação diádica funciona como base segura ao infante, ao estimulá-lo a explorar o mundo à sua volta, a estabelecer vínculos e a ensiná-lo que, diante necessidades, ele receberá cuidados, afetos e proteção materna (Abreu, 2005; Bowlby, 1984/2002; Dalbem e Dell'aglio, 2005; Silva, 2003; Silva, Pendu, Pontes & Dubois, 2002).

É nessa relação segura que o filho aprende a sinalizar suas demandas orgânicas e afetivas, por meio do olhar, do choro ou do sorrir (Bowlby, 1982/2006). As crianças passam, então, a reconhecer a mãe como figura de apego, indo em sua direção ao se sentirem ameaçadas, pois aprenderam, na interação, que suas demandas serão rapidamente satisfeitas (Abreu, 2005; Dalbem e Dell'aglio, 2005). Acredita-se que todas as crianças desenvolvem relação de apego com a sua figura de cuidado e a vêem como potencial fonte de conforto em situações estressantes. Entretanto, o grau de confiança que essas desenvolvem com seu cuidador variará em função da disponibilidade emocional dele e da sua capacidade para protegê-las, confortá-las e acalmá-las em situações angustiantes (Bowlby, 1984/2002; 1989; Cyr et al., 2012; Silva, 2003).

Ainsworth (1969) afirma que a qualidade da interação mãe-bebê se associa a quatro características maternas, a saber: a) habilidade da mãe em balizar os ambivalentes sentimentos de aceitação e rejeição ao filho nos processos interativos; b) engajamento materno nas atividades desenvolvidas pelo menor, cooperando ou interferindo na sua autonomia; c) presença física e psicológica da mãe, demonstrando-se emocionalmente disponível e engajada na interação; e d) sensibilidade materna ao atentar-se aos sinais comunicativos do filho, interpretando e respondendo adequadamente suas demandas.

À vista disso, a sensibilidade materna caracteriza-se como processo dinâmico ao qual a mãe é continente as necessidades do filho, demonstrando afeição positiva por ele, estando, essas habilidades, relacionadas à história pessoal de vinculação materna com seus cuidadores (Ainsworth, 1969; Alvarenga, Cerezo, Wiese & Piccinini, 2019; Carbonell, 2013; Silva et al., 2002). A partir de outros estudos (Alvarenga, Dazzani, Alfaya, Lordelo & Piccinini, 2012; Cyr et al., 2012; Ribeiro, Perosa & Padovani, 2014; Santelices et al., 2015), percebe-se que, além do estilo de vinculação materna, outras variáveis podem influenciar o comportamento e a sensibilidade da mãe, como planejamento ou aceitação do bebê no período gestacional; gênero e idade da criança; classe social da mãe; nível de escolaridade materno; disponibilidade de rede de apoio, incluindo a maternidade compartilhada com demais membros da família, bem como acesso a serviços sociais e de saúde disponíveis na comunidade.

Isso está de acordo com a perspectiva ecológico-transacional, a qual afirma que os diferentes níveis sistêmicos – proximais, como a família; e distais, como o contexto sociocultural - influem sobre os processos vinculatorios mãe-bebê e, conseqüentemente, no Desenvolvimento Infantil (DI), sendo a extrema pobreza o principal fator de risco para esse processo nos países em desenvolvimento, devido incidir em condições nutricionais inadequadas, precarização do acesso aos serviços de saneamento e higiene, que afetam aspectos corpóreos, sociais e cognitivos da criança (Black et al., 2017; Cyr et al., 2012; Engle et al., 2007; Grantham-McGrego et al., 2007; Walker et al., 2007). Nesta perspectiva, acredita-se que o cuidado e a sensibilidade materna podem mitigar os prejuízos desenvolvimentais causados às crianças nos níveis distais - como a vivência em contextos de vulnerabilidade socioeconômica - pois os fatores proximais relacionados à vinculação materna, favorecem o desenvolvimento de competências cognitivas e sócio-emocionais no infante (Cyr et al., 2012; Engle et al., 2007).

Não obstante, em situações nas quais a capacidade materna de corresponder às demandas do filho excede seus recursos internos e diante do apoio familiar deficiente, a mãe pode apresentar dificuldades de ser sensível às necessidades do menor, expondo a criança a situações de vulnerabilidade emocional, o que pode impactar no seu desenvolvimento (Bowlby, 1981/2020; 1984/2002; Grantham-McGrego et al., 2007; Ribeiro et al., 2014; Walker et al., 2007). Com efeito, num país continental como o Brasil, marcado por contrastes sócio-culturais que ressoam diretamente nas questões de gênero, sobretudo, na condição de ser mulher e nos papéis sociais destinados a esta, convém questionar o modo que ocorre o exercício da maternagem sob essas condições.

Destarte, urge refletir sobre a influência desse contexto permeado de estressores psicossociais na sensibilidade materna, dada as condições já aludidas neste artigo, além de tensionar discussões acerca dessas configurações sociais atravessadas pelo modelo patriarcal. Por conseguinte, o presente estudo consiste numa revisão de literatura e enseja mapear e analisar criticamente os estudos realizados no Brasil a partir do referencial da sensibilidade materna, levando em conta o contexto de vulnerabilidade socioeconômica tão presente no País. Assim, parte-se da seguinte questão: como a sensibilidade materna tem sido tematizada no Brasil?

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa de literatura, método que possibilita mapear e sintetizar as evidências de determinados assuntos, permitindo encontrar lacunas de questões específicas e auxiliar na orientação de estudos futuros (Souza, Silva & Carvalho, 2010). Esse tipo de revisão parte da formulação de uma pergunta, explicita o método de busca e seleção dos artigos, bem como os descritores e os critérios usados para a coleta e análise dos estudos (Souza et al., 2010; Rother, 2007).

A busca foi realizada de abril a maio de 2019, utilizando como escopo pesquisas publicadas num intervalo dos últimos 5 anos (2014-2018). Em razão do ínfimo número de resultados, efetuou-se nova busca em maio de 2020, ampliando para os últimos 10 anos (2010-2020). Em ambas, foram acessados artigos publicados apenas em periódicos científicos, na plataforma do Portal CAPES e nas bases de dados BVS Brasil e SciELO. As palavras-chave utilizadas nessa pesquisa foram: “sensibilidade materna”, “maternal sensitivity *and* brazil” e “sensibilidade materna *and* vulnerabilidade”.

Os critérios de inclusão utilizados foram: artigos empíricos realizados no Brasil, publicados em português, disponíveis em texto completo e com acesso irrestrito. Excluiu-se artigos repetidos, pesquisas que não condizem com o tema ou que foram realizadas fora do Brasil, bem como estudos que abordam as relações de cuidado materno atrelados a processos de adoecimentos orgânicos do filho, sem apontar aspectos socioemocionais da interação, e artigos com texto publicado em outro idioma que não o português. O gerenciamento dos estudos encontrados se deu com o uso do software *endnote*, por permitir organizar os dados bibliográficos com maior precisão.

RESULTADOS

A esquematização com os resultados das pesquisas realizadas nas bases de dados do Portal CAPES, do BVS Brasil e da SciELO, pode ser visualizada na Tabela 1, sendo apresentados os resultados obtidos em cada uma das etapas de busca.

A partir do descritor “Sensibilidade materna”, foram encontrados 283 trabalhos. Os artigos encontrados abordavam as percepções médicas sobre o cuidado materno a crianças, com ênfase em processos de adoecimento orgânico; as comorbidades biológicas transmitidas da mãe ao bebê durante o período gestacional, ocasionando anomalias congênitas; os aspectos clínicos de doenças que acometem puérperas e comprometem o parto; síndromes orgânicas que afetam o desenvolvimento sensório-motor do bebê, discussões sobre cuidados de saúde com o pré-natal e aspectos socioemocionais da rotina interacional mãe-criança.

A busca com as palavras-chaves “Maternal sensitivity and Brazil” resultou em 346 artigos. As produções encontradas abordaram questões semelhantes às achadas no primeiro descritor, com três especificidades a mais: as bases apresentaram pesquisas interventivas realizadas fora do Brasil; aspectos interacionais mãe-filho que medeiam a sensibilidade materna e trabalhos com maior enfoque na correlação do estilo de vida materno e propensão a adoecimentos biológicos pelos filhos.

Com as palavras “Sensibilidade materna and Vulnerabilidade”, encontrou-se 46 trabalhos, os quais abordam os índices de violência e criminalidade; as raízes sociais da vulnerabilidade; às condições sociais da maternagem e a disponibilidade de cuidado materno a partir de seu estado de saúde físico e mental.

Dos 17 artigos elegíveis à análise, somente 14 atenderam aos critérios de inclusão e ao tema proposto nesta pesquisa, como pode ser visualizado na tabela 2. A maioria dos artigos analisados não discutem diretamente a sensibilidade materna, mas abordam, em seus resultados, condições associadas à temática.

No que concerne à qualidade dos 14 artigos, os trabalhos analisados foram publicados em periódicos com avaliação nos estratos A1 e B1, na área de Psicologia, classificação de periódicos da Capes (2013-2016). Dentre os estudos, evidencia-se variação no tamanho das amostras (com $n= 4$ até $n= 3.215$) e na composição amostral, com sete artigos incluindo apenas díades mãe-criança na amostra e sete trabalhos tendo, apenas, as mães como participantes. Quanto ao delineamento, oito estudos são pesquisas qualitativas, três quantitativas e três artigos são de natureza mista, fazendo avaliações quantitativas e qualitativas. Na tentativa de melhor explicitar os resultados, dividiu-se os achados nas seguintes categorias: C1 - Cuidados maternos ao adoecimento dos filhos ($n= 4$), C2 - Aspectos socioemocionais da interação diádica e sensibilidade materna ($n=6$) e C3 - Saúde mental materna e cuidados com a criança ($n=4$).

Cuidados maternos ao adoecimento dos filhos

É no contexto de atividades diárias que a interação diádica acontece mais intensamente, cabendo usá-las em estudos que visem avaliar a sensibilidade materna. À vista disso, a pesquisa de Saldan et al. (2015) encontrou associação entre o contexto de vulnerabilidade social e histórico de adversidades na vida das mães, com menor vinculação desenvolvida por estas junto a seus filhos, afetando a interação mãe-bebê durante atividades diárias de cuidado, tendo por exemplo a alimentação. Entretanto, Perosa et al.(2011) evidenciaram experiências exitosas na relação diádica em contexto nutricional, mesmo em pares que viviam sob condições de vulnerabilidades sociais, sugerindo que a interação diádica nos momentos de alimentação sofre influência de outros fatores, como características dos alimentos e questões individuais do filho.

Já o estudo Cruzet al. (2017) acerca do cuidado materno a filhos diabéticos, constatou que, nessa relação, as mães podem experimentar sentimentos controversos, como amor e carinho, mas também tristeza e angústia. O que

corroborando com os achados de Scott et al. (2018) sobre a experiência do cuidado de mães a filhos adoecidos por Zika, demonstrando relatos de que desempenhar a função materna, em determinadas circunstâncias desse processo, causa tanto sofrimento quanto prazer às mães, sobretudo, diante das falhas do sistema de saúde que lhes evocam sensação de desamparo.

Aspectos socioemocionais da interação diádica e sensibilidade materna

O trabalho de Nunes e Aquino (2014), mostrou que a capacidade da mãe em compreender e corresponder aos sinais comunicativos do bebê permite a ela adequar seus comportamentos à idade e ao estágio desenvolvimental do infante. Similarmente, o estudo longitudinal de Pessôa e Moura (2011), revelou o papel mediador da sensibilidade materna na aquisição da linguagem infantil, haja vista as mães ajustarem suas emissões linguísticas à maturidade cognitiva do filho, inicialmente, a fim de engajá-lo ao atrair a atenção dele para os sinais comunicativos dela e para o contexto em que ambos estão inseridos. Na medida em que as habilidades comunicativas da criança foram sendo refinadas, as mães reduziram as emissões maternas, de modo a favorecer os espaços comunicativos/expressivos dos filhos.

Com efeito, a pesquisa de Alvarenga et al. (2014) evidenciou que mães responsivas às vocalizações dos filhos, aos 8 meses, tendem a adotar práticas de socialização facilitadoras aos 18 meses, utilizando principalmente recursos verbais não coercitivos. Nesse estudo, a escolaridade materna e a responsividade à criança estavam correlacionadas. De outro modo, o trabalho de Frota et al. (2011) mostrou elementos indicativos da sensibilidade materna em atividades como banho e alimentação. A partir desse artigo, nota-se que a percepção e a responsividade da mãe e do bebê aos estímulos, um do outro, suscitam o desenvolvimento motor e a linguagem infantil, ressoando em maior vinculação diádica.

Por sua vez, a pesquisa de Cassiano e Linhares (2015) sobre possíveis relações entre as características das crianças - idade gestacional ao nascer, temperamento e comportamento infantil - e das mães - responsividade, intrusividade, sincronia e disponibilidade - não encontrou diferenças estatísticas no temperamento infantil e nem na qualidade da relação diádica comparada à idade gestacional ao nascer. Similarmente, Esteves et al. (2011) identificaram que a preocupação materna primária também se apresenta em mães com risco de parto prematuro, de modo que, em ambas as pesquisas, a prematuridade gestacional não promoveu alterações significativas nos constructos ao qual os autores se propuseram a investigar, quando comparada à gestação a termo. No entanto, Esteves et al. (2011) alertam que o contexto de parto prematuro traz dificuldades ao desenvolvimento da preocupação materna primária, pelos ambivalentes sentimentos que podem ser aflorados na figura materna.

Saúde mental materna e cuidados com a criança

Cuidar já é uma tarefa que exige entrega e disponibilidade, estando totalmente atravessado por experiências emocionais, o que se torna especialmente desafiador quando há a necessidade de ofertar esse cuidado a um filho. Nesse sentido, a pesquisa de Fonseca et al. (2010) evidenciou que a disponibilidade emocional materna é condição básica para a responsividade da mãe à criança, a qual esteve relacionada à menor intrusividade materna perante os comportamentos exploratórios do filho. Em relação a isso, o estudo de Rodrigues e Nogueira (2016) mostrou que

mães em sofrimento psíquico, como depressão, ansiedade e estresse, tendem a adotar práticas parentais negativas, indicando que, sob tais circunstâncias, até o choro do bebê pode se tornar um estressor, ao evocar, nas mães, respostas ansiosas quando elas se percebem impotentes para corresponder às demandas do filho.

O trabalho de Hassan et al. (2016) encontrou associação significativa entre a saúde mental materna e o estado nutricional infantil, haja vista a depressão e os transtornos mentais mais graves estarem relacionados a menores escores médios de peso para comprimento. Ademais, das três variáveis de saúde mental, a depressão materna foi a que mais se associou a menores escores médios de peso para idade. Em consonância a isso, a pesquisa de Cavalcante et al. (2017) também observou correlação entre prejuízos na interação diádica e sintomas de depressão e estresse materno, haja vista esses fatores afetarem o estado emocional da mãe. Esse estudo evidenciou, ainda, associação entre menor escolaridade materna e prejuízos na relação mãe-bebê.

DISCUSSÃO

Esta revisão buscou evidenciar estudos sobre a sensibilidade materna no Brasil, tendo em vista muitos autores apontarem a importância dos cuidados parentais para a promoção de contextos favoráveis à aprendizagem, à estimulação cognitiva e ao DI (Alvarenga et al., 2019; Bowlby, 1982/2006; Carbonell, 2013; Figueiredo, Mateus, Osório & Martins, 2014; Nunes & Aquino, 2014; Pessôa & Moura, 2011; Santelices et al., 2015). Todavia, encontrou-se um número ínfimo de pesquisas realizadas em contexto brasileiro que avaliassem as condições psicossociais maternas para disponibilização ao cuidado. Por isso, recomenda-se a condução de estudos que avaliem questões como padrão de apego da mãe; estado civil; rede de apoio familiar e social.

Em parte dos trabalhos analisados neste artigo, percebe-se falta de clareza sobre os conceitos de responsividade e sensibilidade materna, ao tratá-los, equivocadamente, como semelhantes. Embora a Teoria do Apego reconheça haver alguns elementos da responsividade na sensibilidade materna, uma vez que a mãe sensível é também responsiva ao comportamento expressivo do filho, salienta-se que a sensibilidade materna não se restringe aos comportamentos contingenciais e não intrusivos da mãe sobre as ações da criança, como na responsividade materna. Mas concerne, sobretudo, a interpretação e intervenção adequada da mãe sobre os estados emocionais do filho, reassegurando o seu apoio na lida com a ameaça física ou psíquica enfrentada por sua cria, processo esse que se dará mediante ao padrão de apego da mãe ou nível de sensibilidade (Ainsworth, 1969; Alvarenga & Cerezo 2013; Carbonell, 2013).

A partir de estudos analisados (Cruz et al., 2017; Scott et al., 2018), nota-se que cuidar de uma criança com doença crônica é uma tarefa ainda mais complexa, pois além de ofertar carinho e afeto, a condição biológica do filho demanda cuidados específicos, os quais precisam ser fornecidos por outrem. Sabe-se que em contextos de adoecimentos, a mãe é a principal figura de cuidado, exigindo-se dela habilidades para mediar as relações familiares, de modo a incluir o infante para que ele se sinta pertencente e amado pelos demais membros do clã, a fim de ajudá-lo a reconhecer o sistema familiar como lugar de refúgio (Silva, 2003), o que pode sobrecarregá-la.

Neste sentido, evidenciamos a escassez de pesquisas que analisem aspectos socioemocionais da relação de cuidado em díades compostas por mães e crianças com doenças crônicas, percebendo-se que, em grande parte dos 14 trabalhos coletados, bebês com malformação congênita, síndromes ou doenças crônicas foram apontados como critério de exclusão das amostras. Assim como Silva et al. (2002), estamos certos de que a sensibilidade materna é

um processo dinâmico, o qual sofre influências dos condicionantes que permeiam os atores envolvidos nessa relação. Por conseguinte, consideramos pertinente estudos que analisem os aspectos psicológicos mediadores desse cuidado, uma vez que essa relação é permeada por fatores que mobilizam afetos e sentimentos que precisam ser compreendidos e validados socialmente.

Os estudos de Cavalcante et al. (2017), Hassan et al. (2016) e Rodrigues e Nogueira (2016) corroboram com os achados de Engle et al. (2007) e Ribeiro et al. (2014), ao apontar que a saúde mental materna pode afetar a sensibilidade da mãe às necessidades do filho, visto que o sofrimento emocional materno parece incidir na redução perceptiva da mãe aos sinais expressivos da criança, podendo resultar em negligência aos cuidados físicos e emocionais e, em casos extremos, não nutrir adequadamente o bebê.

Ademais, observa-se a incipiência de pesquisas brasileiras sobre sensibilidade materna que busquem compreender a influência dos contextos sociais na sensibilidade da mãe ao filho, prova disso são as poucas evidências encontradas com discussões substanciais sobre a temática, de modo que a maioria menciona o fator social apenas como meio de caracterizar a amostra do estudo ao invés de investigar associações entre o tema central desta revisão e a vulnerabilidade social.

Neste sentido, pensamos ser relevante a investigação das ingerências das problemáticas sociais sobre a experiência de maternagem, especialmente em se tratando da sensibilidade materna, levando em consideração as condições de paupéris acentuada às quais muitas das mães do País estão submetidas. Atentando, inclusive, para a maior média de filhos em mães que vivem em situação de pobreza, em que a falta de informações e o menor acesso a medidas contraceptivas influi em maior taxa de natalidade e de gravidez na adolescência (Fundo de Populações das Nações Unidas, 2018), realidade que pode interferir na habilidade da mãe em ser sensível às necessidades de seu filho. Por sua vez, esse contexto denota a extrema relevância de haver ações estruturadas no sentido de fortalecer ou construir a rede de apoio dessas mulheres, algo que pode ocorrer a partir da reunião de informações obtidas com a realização de pesquisas que possam investigar esta realidade.

Assim como Cavalcante et al. (2017) e Alvarenga et al. (2019), compreendemos que a associação entre escolaridade materna e prejuízo na interação diádica se justifica, pois a educação possibilita aos pais não só ascender socialmente e adquirir recursos materiais provenientes da renda familiar, mas lhes facultar, sobretudo, maior acesso a informações sobre o cuidado às crianças e aos aspectos do DI. O que pode refletir em cuidados parentais mais consistentes e sensíveis às necessidades do filho.

A partir dos estudos analisados nesta revisão, percebe-se que as amostras representam, na grande maioria, população composta por mães casadas. Sugere-se, então, pesquisas futuras que tenham como amostras mãe solo ou primíparas, com o intuito de analisar os efeitos do apoio conjugal e/ou da inexperience de cuidado sobre a sensibilidade materna, haja vista os múltiplos papéis desempenhados pelas mães poderem se tornar estressores na rotina de cuidados. Evidencia-se, ainda, que a maior parte das pesquisas encontradas tratam-se de estudos transversais, sem haver acompanhamento das variáveis ao longo do tempo. Diante disso, é relevante estudos posteriores de desenho longitudinal, a fim de compreender como essas variáveis atuam sobre a vinculação mãe-criança e se modificam, tendo em vista a sensibilidade materna ser um processo dinâmico e não uma característica estática e imutável.

Observa-se uma lacuna ainda maior de pesquisas interventivas sobre a vinculação diádica no Brasil. Apesar disso, Cyr et al. (2012) aponta algumas estratégias com essa finalidade, classificando os protocolos em curto

prazo, a exemplo da Intervenção baseada em Apego de Curto Prazo (ABC) e o Attachment Videofeedback Intervention (AVI), os quais duram de 6 a 10 semanas e visam à transformação dos comportamentos parentais. Já os de longo prazo tem a psicoterapia infantil pais-criança como principal estratégia, objetivando modificar os modelos representacionais dos pais, com duração de 20 semanas a 2 anos (Alvarenga et al., 2019; Cyr et al., 2012). Frente às diferenças sociais que imperam no contexto brasileiro e que incidem sobre as dinâmicas vinculares, é válido estudos interventivos com esse propósito em cenário nacional.

Destarte, estamos convictos que os condicionantes sociais e de saúde que permeiam as mães têm potencial adoecedor, já que a maternidade e fatores relacionados a ela podem ser desencadeadores de estresse. À vista disso, alguns autores (Bowlby, 1981/2020; Silva et al., 2002; Ribeiro et al., 2014) destacam que a rede de suporte pode afetar a qualidade do cuidado pela figura materna, ao agir como base segura - fornecendo às mães amparo e auxílio diante de necessidades - ou ao negligenciar apoio às mães nos desafios ao trato com o menor – podendo sobrecarregá-la ao ter que gerir o lar, cuidar da família e prover os recursos financeiros.

Dito isto, acreditamos que os serviços sociais e de saúde podem funcionar como rede de apoio às mães nos cuidados com o filho, fazendo com que elas se sintam amparadas, ao acolher suas dúvidas e legitimar suas angústias, inquietações e receios na árdua função de maternagem, como também indicam outros autores (Black et al., 2017; Bowlby, 1981/2020; Engle et al., 2007; Figueiredo et al., 2014; Walker et al., 2007).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir desta revisão, fica nítido que a maternidade impõe à mulher mudanças pessoais significativas, que vão desde a gestação a transformações na sua rotina após o nascimento. Sob essas circunstâncias, as mães precisam dispor de recursos de enfrentamento adequados para lidar com os múltiplos desafios que possam advir dessas transformações. Observa-se, com isso, o atravessamento da maternagem pelas questões biopsicossociais que permeiam a figura materna, cabendo considerá-las quando se deseja promover ações com enfoque no melhor desenvolvimento infantil.

No que se refere a esta revisão, acreditamos que a restrição do idioma ao português e a delimitação a artigos como tipo de material podem configurar uma limitação deste trabalho. Tendo em vista ser possível existir outros estudos realizados no Brasil - mas publicados em outros idiomas, bem como presentes em teses, dissertações ou livros - que não tenham sido incluídos nessa revisão.

Os pressupostos que fundamentam a Teoria do Apego e as evidências encontradas na presente revisão, confirmam a construção do vínculo por meio da relação, o qual pode ser transmitido de modo intergeracional na interação mãe-bebê, sendo atualizado ou modificado nas relações subsequentes com outras figuras de apego. Nesse sentido, acreditamos que a sensibilidade materna relaciona-se a experiências de cuidados vivenciadas pelas mães com seus respectivos cuidadores, podendo ser modificada ou perpetuada na relação com a própria prole. Destarte, percebe-se a importância do suporte às mães, o qual permita ajudá-las a romper com padrões inflexíveis de vinculação e a lidar com suas próprias questões ao se dispor a cuidar. Afinal, ocupar a posição materna, no contexto brasileiro, é desempenhar um papel complexo, pois a sociedade tende a colocar a mãe como a principal responsável pelo cuidar, tecendo julgamentos perante eventuais desvios do que é esperado dela no exercício da maternagem.

Referências

- Abreu, C. N. (2005). Teoria do Apego: fundamentos, pesquisas e implicações clínicas. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Ainsworth, M. D. S. (1969). Maternal sensitivity scales: The Baltimore Longitudinal Project. *Power*, 6, 1379-1388. Recuperado de: http://www.psychology.sunysb.edu/attachment/pdf/mda_sens_coop.pdf.
- Alvarenga, P., Cerezo, M. A., Wiese, E., & Piccinini, C. A. (2019). Effects of a short video feedback intervention on enhancing maternal sensitivity and infant development in low-income families. *Attachment & Human Development*, 1-21. doi:<https://doi.org/10.1080/14616734.2019.1602660>.
- Alvarenga, P., Dazzani, M. V. M., Alfaya, C. A. S., Lordelo, E. R., & Piccinini, C. A. (2012). Relações entre a saúde mental da gestante e o apego materno-fetal. *Estudos de Psicologia*, 17(3), 477-484. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2012000300017>
- Alvarenga, P., Machado, S. C. B., & Lins, T. C. S. (2014). O impacto da responsividade materna aos oito meses da criança sobre as práticas de socialização maternas aos 18 meses. *Estudos de Psicologia*, 19(4), 305-314. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2014000400008>.
- Black, M. M., Walker, S. P., Fernald, L. C. H., Andersen, C. T., Digirolamo, A. M., Lu, C., ... & Grantham-McGregor, S. (2017). Early childhood development coming of age: science through the life course. *The Lancet*, 389(10064), 77-90. doi: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(16\)31389-7](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(16)31389-7).
- Bowlby, J. (1989). Uma base segura: aplicações clínicas da teoria do apego. (S. M. Barros, Trad.). Porto Alegre: Artes médicas.
- Bowlby, J. (2002). Apego e perda: a natureza do vínculo. (3ª ed., A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins fontes. (Texto original publicado em 1984).
- Bowlby, J. (2006). Formação e rompimento dos laços efetivos. (4ª ed. A. Cabral, Trad.). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1982).
- Bowlby, J. (2020). Cuidados Maternos e Saúde Mental. (6ª ed., V. L. B. Souza & I. Rizzini). São Paulo: Martins Fontes. (Texto original publicado em 1981).
- Carbonell, O. A. (2013). La sensibilidad del cuidador y su importancia para promover un cuidado de calidad en la primera infancia. *Ciências Psicológicas*, 7(2), 201-207. Recuperado de: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=5044281>.

- Cassiano, R. G. M., & Linhares, M. B. M. (2015). Temperamento, prematuridade e comportamento interativo mãe-criança. *Psicologia: Reflexão & Crítica*, 28(2), 416-424. doi: <https://doi.org/10.1590/1678-7153.201528222>
- Cavalcante, M. C. V., Filho, F. L., França, A. K. T. C., & Lamy, Z. C. (2017). Relação mãe-filho e fatores associados: análise hierarquizada de base populacional em uma capital do Brasil-Estudo BRISA. *Ciência & Saúde Coletiva*, 22(5), 1683-1693. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232017225.21722015>
- Cruz, D. S. M., Collet, N., Andrade, E. M. C., Nóbrega, V. M., & Nóbrega, M. M. L. (2017). Vivências de mães de crianças diabéticas. *Esc. Anna Nery*, 21(1). Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/ean/v21n1/1414-8145-ean-21-01-e20170002.pdf>.
- Cyr, C., Dubois-Comtois, K., Michel, G., Poulin, C., Pascuzzo, K., Losier, V., ... & Moss, E. (2012). Attachment Theory in the Assessment and Promotion of Parental Competency in Child Protection Cases. *IntechOpen*, 63-86. Recuperado de: <https://www.intechopen.com/books/child-abuse-and-neglect-a-multidimensional-approach/attachment-theory-in-the-assessment-and-promotion-of-parental-competency-in-child-protection-cases>.
- Dalbem, J. X., & Dell'aglio, D. D. (2005). Teoria do apego: bases conceituais e desenvolvimento dos modelos internos de funcionamento. *Arq. Brasilei. de Psicologia*, 57(1), 12-24. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=229017444003>.
- Engle, P. L., Black, M. M., Behrman, J. R., Mello, M. C., Gertler, P. J., Kapiriri, L., ... & Young, M. E. (2007). Strategies to avoid the loss of developmental potential in more than 200 million children in the developing world. *The Lancet*, 369(9557), 229-242. doi: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(07\)60112-3](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(07)60112-3)
- Esteves, C. M., Anton, M. C., & Piccinini, C. A. (2011). Indicadores da preocupação materna primária na gestação de mães que tiveram parto pré-termo. *Psicologia Clínica*, 23(2), 75-99. Recuperado de: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/pc/v23n2/06v23n2.pdf>.
- Figueiredo, A. M., Mateus, V., Osório, A., & Martins, C. (2014). A contribuição da sensibilidade materna e paterna para o desenvolvimento cognitivo de crianças em idade pré-escolar. *Análise Psicológica*, 32(2), 231-242. doi: <https://doi.org/10.14417/ap.842>.
- Fonseca, V. R. J. R. M., Silva, G. A., & Otta, E. (2010). Relação entre depressão pós-parto e disponibilidade emocional materna. *Cad. Saúde Pública*, 26(4), 738-746. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/csp/v26n4/16.pdf>.
- Frota, M. A., Bezerra, J. A., Ferrer, M. L. S., Martins, M. C., & Silveira, V. G. (2011). Percepção materna em relação ao cuidado e desenvolvimento infantil, *Revista Brasi. Promo. Saúde*, 24(3), 245-250. Recuperado de: <https://www.redalyc.org/pdf/408/40820076009.pdf>.

- Fundo de Populações das Nações Unidas (2018). O Poder de escolha: direitos reprodutivos e a transição demográfica. Recuperado de: https://brazil.unfpa.org/sites/default/files/pub-pdf/SWOP_2018.pdf.
- Grantham-McGregor, S., Cheung, Y. B., Cueto, S., Glewwe, P., Richter, L., & Strupp, B. (2007). Developmental potential in the first 5 years for children in developing countries. *The Lancet*, 369(9555), 60-70. doi: [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(07\)60032-4](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(07)60032-4)
- Hassan, B. K; Werneck, G. L. & Hasselmann, M. H. (2016). Saúde mental materna e estado nutricional de lactentes com seis meses de idade. *Rev. Saúde Pública*, 50(7), 1-9. Recuperado de: http://www.scielo.br/pdf/rsp/v50/pt_0034-8910-rsp-S1518-87872016050006237.pdf
- Nunes, L. L., & Aquino, F. S. B. (2014). Habilidade de comunicação intencional de bebês: o que pensam as mães? *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 30(4), 363-372. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v30n4/v30n4a01.pdf>.
- Perosa, G. B., Carvalhaes, M. A. B. L., Benício, & M. H. D., Silveira, F. C P. (2011). Estratégias alimentares de mães de crianças desnutridas e eutróficas: estudo qualitativo mediante observação gravada em vídeo. *Ciência & Saúde Coletiva*, 16(11), 4455-4464. doi: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011001200018>
- Pessôa, L. F., & Moura, M, L, S. (2011). Fala Materna Dirigida à Criança em Cenários Comunicativos Específicos: Um Estudo Longitudinal, *Psic: Teor. e Pesq.*, 27(4), 439-447. Recuperado de: <https://www.scielo.br/pdf/ptp/v27n4/07.pdf>.
- Ribeiro, D. G., Perosa, G. B., & Padovani, F. H. P. (2014). Fatores de risco para o desenvolvimento de crianças atendidas em Unidades de Saúde da Família, ao final do primeiro ano de vida: aspectos sociodemográficos e de saúde mental materna. *Ciência & Saúde Coletiva*, 19(1), 215-226. doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014191.1904>.
- Rodrigues, O. M. P. R., & Nogueira, S. C. (2016). Práticas Educativas e Indicadores de Ansiedade, Depressão e Estresse Maternos. *Psicologia: Teor. e Pesquisa*, 32(1), 35-44. doi: <https://doi.org/10.1590/0102-37722016012293035044>
- Rother, E. T. (2007). Revisão sistemática X revisão narrativa. *Acta Paulista de Enfermagem*, 20(2), v-vi. doi: <https://doi.org/10.1590/S0103-21002007000200001>
- Saldan, P. C., Demario, R. L., Breailo, M. K., Ferriani, M. G. C., & Mello, D. F. (2015). Interação nos momentos da alimentação entre mães e crianças desnutridas menores de dois anos. *Ciência & Saúde Coletiva*, 20(1), 65-74. Doi: <https://doi.org/10.1590/1413-81232014201.21302013>
- Santelices, M. P., Farkas, C., Montoya, M. F., Galleguillos, F., Carvacho, C., Fernández, A., ... & Himmel, E. (2015). Factores predictivos de sensibilidad materna en infancia temprana. *Psicoperspectivas*, 14(1), 66-76. Recuperado de:

<https://scielo.conicyt.cl/pdf/psicop/v14n1/art07.pdf>.

Silva, M. R. S. (2003). A construção de uma trajetória resiliente durante as primeiras etapas do desenvolvimento da criança: o papel da sensibilidade materna e do suporte social, [Tese de Doutorado]. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Recuperado de: <https://core.ac.uk/download/pdf/30365843.pdf>.

Silva, S. S. C., Pendu, Y. L., Pontes, F. A. R., & Dubois, M. (2002). Sensibilidade materna durante o banho. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 18(3), 345-352. Acesso em 09 jul 2020, doi: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722002000300015>

Scott, R. P., Lira, L. C., Matos, S. S., Souza, F. M., Silva, A. C. R., & Quadros, M. T. (2018). Itinerários terapêuticos, cuidados e atendimento na construção de ideias sobre maternidade e infância no contexto da Zika. *Interface (Botucatu)*, 22(66), 673-684. doi: <https://doi.org/10.1590/1807-57622017.0425>

Souza, M. T., Silva, M. D., & Carvalho, R. (2010). Revisão integrativa: o que é e como fazer. *Einstein (São Paulo)*, 8(1), 102-106. doi: <https://dx.doi.org/10.1590/s1679-45082010rw1134>

Walker, S. P., Wachs, T. D., Gardner, J. M., Lozoff, B., Wasserman, G. A., Pollitt, E., ... & Carter, J. A. (2007). Child development: risk factors for adverse outcomes in developing countries. *The Lancet*, 369(9556), 145-157. Recuperado de: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/17223478/>.

Lista de Anexos

Tabela 1 - Esquematização dos resultados da pesquisa

Descritores	Resultado buscas de 2019 e 2020	Coletados para análise	Leitur a na íntegra	Incluídos neste trabalho
Sensibilidade materna	16/04/2019 (n= 97) 06/05/2020 (n= 186)	23	10	7
Maternal sensitivity <i>and</i> brazil	16/04/2019 (n= 124) 06/05/2020 (n= 222)	11	5	5
Sensibilidade materna <i>and</i> vulnerabilidade	07/05/2019 (n= 16) 06/05/2020 (n= 30)	5	2	2
Total	685	39	17	14

Fonte: autores, 2021.

Tabela 2 - Estudos analisados

Autor / Ano	Objetivos
Saldan, Demario, Brecailo, Ferriani e Mello (2015)	Analisar a relação entre a díade mães / avós - crianças desnutridas menores de dois anos, especialmente no momento de alimentação
Scott et al. (2018)	Entender a influência dos diferentes contextos na formação da noção de maternidade e infância, em contexto de Síndrome Congênita do Zika
Cruz, Collet, Andrade, Nóbrega e Nóbrega (2017)	Compreender a experiência de mães de crianças diabéticas e como estas se relacionam no cuidado ao filho
Perosa, Carvalhes, Benício e Silveira (2011)	Comparar as estratégias usadas pelas mães para alimentar seus filhos e particularidades dessa interação junto a crianças desnutridas ou eutróficas
Esteves, Anton e Piccinini (2011)	Investigar indicadores da preocupação materna primária em mulheres com parto pré-termo, focando nos sentimentos das mães frente à prematuridade
Alvarenga, Machado e Lins (2014)	Analisar o impacto da responsividade materna, aos oito meses e a relação com as práticas de socialização maternas, aos 18 meses dos filhos
Cassiano e Linhares (2015)	Elaborar e testar modelo combinado de avaliação para o temperamento de crianças, conforme idade gestacional e comportamento materno
Pessôa e Moura (2011)	Avaliar o DI e a aquisição de linguagem, a partir da comunicação diádica
Frota, Bezerra, Ferrer, Martins e Silveira (2011)	Investigar a percepção materna em relação ao cuidado e o DI
Nunes e Aquino (2014)	Avaliar percepções maternas sobre a habilidade de comunicação intencional dos bebês no 1º ano de vida, enfocando as variações nessas percepções a partir da fase do DI
Hassan, Werneck e Hasselmann (2016)	Analisar possíveis associações entre a saúde mental materna e o estado nutricional infantil no 6º mês de vida
Fonseca, Silva e Otta (2010)	Comparar a qualidade da interação mãe-bebê na presença e ausência da depressão materna, usando filmagens na sala de parto e em laboratório
Cavalcante, Filho, Franca e Lamy (2017)	Analisar fatores relacionados a prejuízos na relação mãe-filho
Rodrigues e Nogueira (2016)	Comparar práticas parentais positivas e negativas de mães com ou sem indicadores clínicos de ansiedade, depressão e estresse

Nota: DI - Desenvolvimento Infantil

Fonte: autores, 2021.